

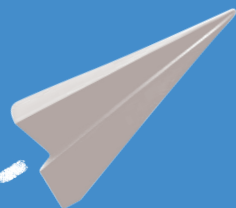
MARIO SERGIO
CORTELLA

Faça
 o teu
melhor!

Aprimorar a Competência

Recusar a Mediocridade

Exuberar a Vida



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARIO SERGIO
CORTELLA

**Faça
o teu
melhor!**

Aprimorar a Competência

Recusar a Mediocridade

Exuberar a Vida

 Planeta

Copyright © Mario Sergio Cortella, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Edição para o autor: Paulo Jebaili
Preparação: Bonie Santos
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Valquíria Matioli
Capa, projeto gráfico e diagramação: Daniel Justi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cortella, Mario Sergio
Faça o teu melhor/Mario Sergio Cortella. São Paulo: Planeta do
Brasil, 2025.
160 p.

ISBN: 978-85-422-2989-9

1. Desenvolvimento pessoal I. Título

24-5326

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

*“Saber o que é certo e não o fazer
é falta de coragem”*

CONFÚCIO

(551 a.C.-479 a.C.), pensador chinês



Planeta

INICIEI MINHA TRAJETÓRIA escolar em Londrina, cidade no norte do Paraná onde nasci. Na época, havia uma ferramenta de desempenho escolar chamada caderneta. Nela constavam as faltas, as presenças, as notas, além de eventuais comunicados. A cada dois meses, o pai ou a mãe precisava assinar a caderneta. Era uma forma de a instituição de ensino se certificar de que a pessoa

responsável estava ciente do desempenho do aluno ou da aluna. Além do mais, se a caderneta não estivesse assinada, o(a) estudante não podia entrar na escola no dia seguinte.

Assim, eu mostrava a caderneta com as minhas notas para o meu pai, Antonio, ou para a minha mãe, Emília. Numa gradação de zero a dez, vez ou outra eu tirava cinco, a nota mínima para passar. Lembro claramente da expressão de desaprovação estampada no rosto do meu pai ao olhar aquele boletim:

— Filho, o que é isso? Tirou 5,5 em História; 5 em Português; 5 em Matemática?

— Ah, pai, mas deu pra passar.

— “Deu pra passar?” Lamento, isso é ser medíocre. Você tem condições de fazer melhor.

Foram observações como essas que constituíram em mim a percepção de que a mediocridade pode se tornar um hábito. Uma vez introjetada, a ausência de capricho, de empenho, pode se transformar em um modo de ser no mundo. O contentar-se com o mínimo suficiente, com o “deu pra passar”, vai nos deixando “mornos”.

A vida vai passando e vamos nos acostumando com essa “mornidade”. Mornos com os estudos, mornos com o trabalho, mornos com o autodesenvolvimento, mornos com o meio ambiente, mornos com os afetos, mornos com a cidadania. E essa atitude pode acarretar um risco ainda maior: o de baixarmos a régua e nos acostumarmos com o podre.

Exemplo? Em 1967, minha família mudou-se de Londrina para São Paulo, a maior cidade do Brasil. Fundada em 1554, a capital paulista se tornou uma metrópole, com aproximadamente 11,4 milhões de habitantes, segundo o Censo 2022 do IBGE.

Pela cidade passam vários rios, alguns subterrâneos. Dois deles, porém, o Pinheiros e o Tietê, são muito extensos e se tornaram referência para o trânsito da cidade, já que por suas marginais passam milhares de veículos todos os dias. Pois bem, no final da década de 1960, quando cheguei a São Paulo, aos 13 anos de idade, esses dois rios eram navegáveis. Era possível nadar, pescar, como fazíamos eu, meu irmão e meu pai. Havia vários clubes de remo e de natação às margens desses rios.

Atualmente esses dois rios estão mortos. Eles fedem e, em alguns pontos, a água não corre, ela chega a ser pastosa, tal como uma mousse podre. O que aconteceu? Com a nossa omissão, a nossa passividade, a nossa acomodação, nós deixamos esses dois grandes rios morrerem aos poucos. A nossa mediocridade coletiva levou a esse triste desdobramento.

Nossa capacidade de nos acomodarmos e de nos conformarmos com o deletério é tão significativa que passamos a normalizar situações absurdas. A tal ponto que, quando saímos do Aeroporto Internacional de São Paulo e seguimos pela marginal do rio Tietê, aquele fedor exalado é um sinal de que “chegamos em casa”.

Algo semelhante acontece na cidade do Rio de Janeiro, cujo aeroporto internacional fica na Ilha do Governador, com um mangue fétido nos seus arredores. Assim que a porta do avião é aberta e vem aquele cheiro horrendo, bate a sensação de “ah, já estou em casa”.

Esse é um indicativo forte de que nós nos habituamos com o podre e nem sempre notamos as

degradações no nosso cotidiano. A nossa omissão, a nossa inação, a nossa letargia fazem com que os episódios negativos se avolumem e tomem grandes proporções. Pior que o fato de esses rios estarem mortos é nós termos nos conformado a essa condição.

Por isso cito com frequência um alerta dado pelo Corpo de Bombeiros: “Nenhum incêndio começa grande”. Sempre inicia com uma faísca, uma fagulha, uma chispa. Isso vale para a política, para o afeto, para a educação de crianças e jovens, para a nossa capacidade de convivência, para a nossa relação com o lugar onde vivemos.

É preciso ter cuidado, pois a mediocridade é uma ameaça à vida!

Uma das melhores formulações para impedir o mergulho na mediocridade vem do escritor alemão Goethe (1749-1832): “Se alguma coisa tem de ser feita, então, que seja bem-feita”. Numa leitura mais apressada, essa ideia pode até parecer óbvia, mas definitivamente não o é. Goethe coloca essa referência para que sejamos capazes de fazer o melhor nas condições que temos. Isso significa empregar o

nosso esforço, a nossa energia naquilo que precisa ser feito. Se formos realizar algo, que o façamos da melhor maneira que pudermos.

Até porque isso envolve um elemento crucial que será consumido nessa dedicação: o nosso tempo. Um bem especialmente valioso, uma vez que o nosso tempo coincide com a nossa vida. Portanto, ao fazer algo, destinamos um pedaço da nossa vida àquilo.

Nesse momento, cabe lembrar outra frase, que cito com frequência, por sua grande capacidade de levar à reflexão: “A vida é muito curta para ser pequena”, enunciada pelo político e pensador britânico Benjamin Disraeli (1804-1881). De fato, a vida é curta, em termos de extensão, mas isso não significa que ela deva ser pequena.

O tempo médio de vida hoje no planeta é de setenta e cinco anos. Pode até parecer bastante, em comparação com cem anos atrás, quando um indivíduo vivia aproximadamente quarenta e dois anos. Alguém pode até argumentar: “Ah, meu avô viveu noventa anos”. Sim, mas quantos filhos ele perdeu? Quantas pessoas próximas a ele se foram precocemente por

fatores que levavam à mortalidade infantil ou por falta de saneamento, por ausência de medicação etc.?

Fato é que a vida hoje dura em média setenta e cinco anos, pois nós temos uma condição de longevidade maior em função do desenvolvimento da ciência, de avanços na saúde pública e de melhores estruturas de saneamento. Ainda que essas condições estejam mais favoráveis, setenta e cinco anos é um período curto. Pode parecer muito quando a pessoa tem vinte ou trinta anos de idade. Quando você tem vinte anos, alguém com quarenta anos parece estar numa faixa etária distante. Quando faz quarenta anos, a casa dos sessenta ainda parece meio longe. Quando passa dos setenta, como é o meu caso, alguém de oitenta está logo ali.

Há uma passagem atribuída ao polímata italiano Leonardo da Vinci (1452-1519) em que, ao ser perguntado “Quantos anos você tem?”, ele teria respondido: “Não sei. Já tive sessenta”. O que o genial expoente do Renascimento quis dizer com isso? Que só podemos contabilizar os anos até o momento presente, não sabemos quanto tempo temos pela frente. Por isso, a vida não pode ser desperdiçada.

O escritor francês Victor Hugo (1802-1885), autor de obras como *Os miseráveis*, certa feita teria afirmado: “A vida já é curta, e nós a tornamos ainda mais curta, desperdiçando o tempo”. É uma das coisas que mais produz desperdício de vida é a mediocridade. Porque a pessoa fica abaixo do que poderia ou deveria. Faz o mínimo necessário, quando poderia obter um resultado mais expressivo, mais exuberante.

De novo, com Ricardo Reis: “Põe quanto és / no mínimo que fazes”. O mínimo aí não significa o pequenininho, o diminuto. O sentido é: por menor que seja a sua atividade ou a sua participação numa determinada empreitada, coloque-se por inteiro. Não economize o melhor de si mesmo. Isso tem a ver com a capacidade de sair do mínimo, ultrapassar aquilo que apequena e, assim, se afastar do território da mediocridade.

O que é uma pessoa medíocre? Não é a pessoa que está na média; essa é mediana. Medíocre é aquela que é mais ou menos – mais ou menos amiga, mais ou menos competente, mais ou menos comprometida, mais ou menos cidadã, mais ou

menos casada. Uma pessoa mais ou menos é uma pessoa morna, aquela que não é quente nem fria.

Você conhece gente morna, gente que leva uma vida morna?

— Como é que está no trabalho?

— Ah, vamos levando...

— Como está a política da sua cidade?

— Vamos ver no que dá...

— Já se engajou na reivindicação da associação de moradores do bairro?

— Ah, tô esperando um pouco, de repente muda...

E o que afasta a “mornidade”? A habilidade de se aperfeiçoar aquilo que se faz, empregando capacidade intensa, em vez de se atuar mornamente naquilo que precisa ser feito.

Para quê? Para que o esforço seja compensado, para que a vida tenha mais valor e não seja desperdiçada. Como dizia o humorista cearense Chico Anysio (1931-2012): “Eu não tenho medo de morrer, eu tenho pena”.

Claro, porque, de fato, a vida é curta. Então, se curta ela é, que não seja pequena.